

'Lúcio Flávio'  
se destaca na  
grade da Netflix

PÁGINA 3



Sexteto resgata  
inéditas do gênio  
Pixinguinha

PÁGINA 4



Opções de HQs  
para presentear  
seu amor nerd

PÁGINA 8



## 2º CADERNO

# Uma arte em extinção?

Uso da inteligência artificial avança no audiovisual. Será que a tecnologia chegou para substituir os dubladores? Fim da profissão pode ser inevitável

A Globoplay dublou sua série documental "Rio-Paris: A Tragédia do Voo 447" usando inteligência artificial, o que fez o Sated-RJ (Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado do Rio de Janeiro) emitir nota de repúdio.

"Isso representa um desrespeito inaceitável aos profissionais de dublagem, que se dedicam a essa arte com talento e sensibilidade. Ao optar por uma solução tecnológica em detrimento dos dubladores, a Globoplay não apenas prejudica esses trabalhadores, retirando-lhes oportunidades de emprego, mas também compromete a qualidade do produto final oferecido ao público", denuncia o documento da entidade.

A dublagem brasileira é uma for-

ma de arte que vai além da simples tradução de diálogos. Trata-se de uma arte capaz de adicionar novas camadas de humor, emoção e identidade cultural às produções de outros países, promovendo identificação e empatia de nosso público com obras estrangeiras. A escolha da plataforma de streaming da Globo reacendeu o debate: qual o futuro dos dubladores?

O ator dublador Christiano Torreão assistiu a série documental esclarece que as ferramentas de inteligência artificial foram usadas na técnica do voice over. "Essa produção utilizou a inteligência artificial para produzir um voice over, que é uma voz em cima de uma voz original que está por baixo num volume menor. E aquela voz que está por cima funciona como uma tradução simultânea. E na realidade a demanda do trabalho de dubladores em voice over é historicamente maior

do que na dublagem lip sync, aquela sincronizada que costumamos ver nos filmes. O que se recomenda aos atores que fazem voice over é a utilização da voz mais branda possível, sem interpretações, e que comece depois da fala original e termine um pouco antes, para efeito de diferenciação em relação a uma dublagem, que exige um lip sync", esclarece.

"Estamos diante de algo muito grave e é importante que se haja uma regulação imediata desse mercado porque esse tipo de trabalho, o voice over, corresponde a 65% do trabalho da dublagem brasileira. Nós atores de dublagem realizamos esse trabalho até hoje e embora o resultado do que vemos nesta produção do Globoplay possa parecer aceitável para a população, nós estamos diante da possi-

bilidade de acabar com centenas de empregos. Se 65% dos trabalhos de dublagem feita por profissionais desaparecer, imagine o estrago", reforça Torreão, dublador oficial de Leonardo Di Caprio no Brasil e com 31 anos de experiência.

Para o especialista Thoran Rodrigues, o fim de algumas profissões, como a dos dubladores, é inevitável. CEO da BigDataCorp, Rodrigues lembra que outras profissões foram extintas no passado com o avanço da tecnologia, como a dos telefonistas. "A gente tem dois desafios. O primeiro é aprender a usar esse ferramental para fazer o seu trabalho de forma mais eficiente, e o segundo é mais da sociedade, de dar o apoio às pessoas que estão tendo seus trabalhos automatizados, para que elas possam adquirir o conhecimento, habilidades, para conseguir novos empregos dado essa nova realidade tecnológica", disse em entrevista ao portal Splash.

Continua na página seguinte

## CORREIO CULTURAL

Reprodução TV



Whoopi Goldberg se emocionou durante o especial

## Whoopi Goldberg reúne elenco de 'Mudança de Hábito 2'

A atriz Whoopi Goldberg foi às lágrimas ao reunir parte do elenco do filme "Mudança de Hábito 2: Mais Loucuras no Convento" (1993) e fazer releituras dos clássicos da trilha sonora do longa, que celebra 30 anos de seu lançamento.

Em encontro transmitido pela ABC, ela, vestida como a personagem Deloris Van

Cartier, viu de perto as interpretações das canções "Oh Happy Day" e "Joyful, Joyful", feitas por alguns dos atores que fizeram parte do coral jovem do filme. Para a primeira música, foi Ryan Toby quem liderou a apresentação, ator que há 30 anos viveu o papel de Ahmal. Na segunda, a responsável pela releitura foi Tanya Trotter.

### Uso indevido

A Justiça de São Paulo proibiu o músico Fernando Deluqui, guitarrista da banda RPM, de usar o nome do grupo em apresentações musicais. A decisão é uma resposta a uma ação movida por Paulo Ricardo, o ex-vocalista da banda.

### Processou

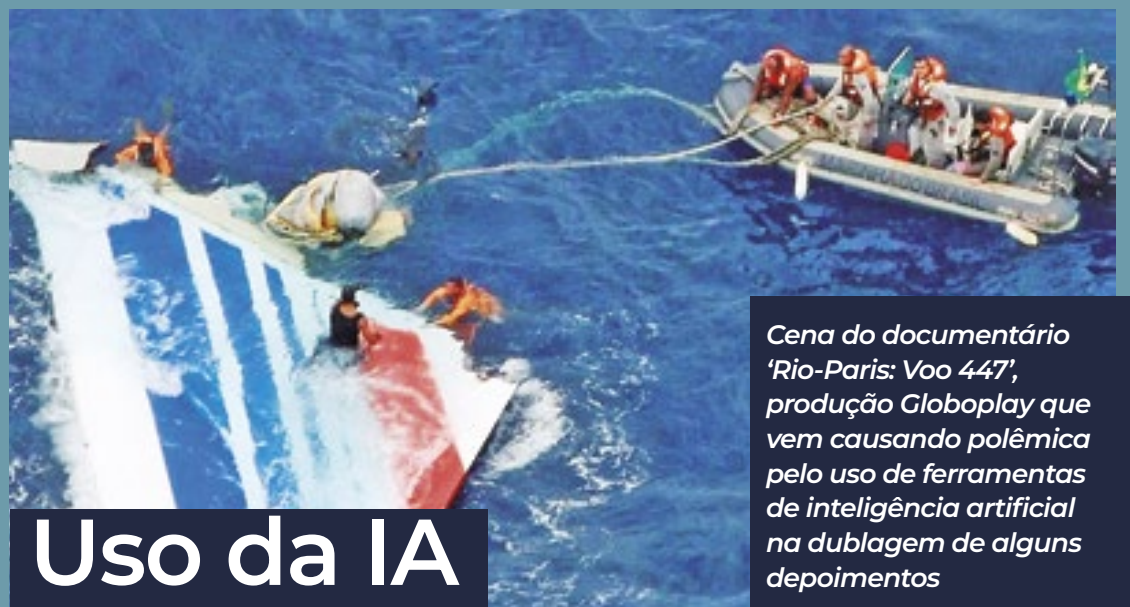
A escocesa Fiona Harvey que afirma ser a inspiração para a personagem Martha, da série "Bebê Rena", está processando a Netflix em US\$ 170 milhões (R\$ 895 milhões) por difamação. No processo, diz que a série conta "mentiras brutais" a seu respeito.

### Vaquinha

Regina Duarte disse que recebeu várias doações para indenizar em R\$ 30 mil a diretora e roteirista Janaina Diniz Guerra, filha de Leila Diniz, que processou a atriz alegando violação ao direito de imagem e honra de sua mãe.

### Continuação

A história de "Jogos Vorazes", que inspirou os filmes de mesmo nome, vai ganhar uma continuação. O quinto volume da série distópica vai se chamar "Sunrise on the Reaping" e vai se passar 24 anos antes da história que virou saga no cinema.



Cena do documentário 'Rio-Paris: Voo 447', produção Globoplay que vem causando polêmica pelo uso de ferramentas de inteligência artificial na dublagem de alguns depoimentos

# Uso da IA em produções no audiovisual ainda não está regulamentado no país

documentário tem quatro episódios e está disponível na Globoplay.

A produção foi gravada na França, Estados Unidos e Brasil por três meses. No início dos episódios, é exibido o aviso de que entrevistas concedidas em outras línguas foram dubladas com Inteligência Artificial.

A versão em português das entrevistas concedidas em língua estrangeira para este documentário foi feita a partir da voz dos próprios entrevistados, com o uso de inteligência artificial, respeitando-se todos os direitos e leis aplicáveis. O conteúdo das dublagens é fiel às entrevistas originais. Os entrevistados que não aceitaram a dublagem foram legendados.

Nas redes sociais, espectadores questionaram a ausência da chamada "dublagem viva", ou seja, feita

O uso de inteligência artificial na dublagem ainda não é regulamentado no Brasil. O movimento "Dublagem Viva", que reúne profissionais do setor, luta pela criação de regras no uso da tecnologia.

A opção de trocar dubladores profissionais pela tecnologia teve uma repercussão negativa nas redes sociais, em que muitos espectadores questionaram a depreciação da classe profissional e a qualidade ruim da dublagem artificial.

"Tragédia do voo 447" foi lançada na Globoplay no fim de maio e retrata o acidente com o voo da Air France. O documentário foi lançado exatamente 15 anos depois da tragédia, que deixou 228 mortos. O

por atores dubladores profissionais e também questionaram a qualidade das vozes feitas por IA.

A série entrevistou técnicos que participaram das investigações, especialistas em aviação, jornalistas que cobriram o caso e parentes das vítimas. Ela traz a investigação da queda do avião, o drama das famílias destroçadas pela tragédia e o que mudou na história da aviação após o desastre.

Na ocasião do lançamento da série documental, Globo informou que "realizou testes e desenvolveu soluções internas que estão em experimentação e uso" antes de dublar produções com o uso de inteligência artificial, afirmando que esse processo acontece "sempre de forma ética, com transparência, buscando a qualidade e respeitando a questão dos direitos."

"Foi o que aconteceu, por exemplo, em Rio-Paris: cumprimos o compromisso assumido com algumas empresas de dublagem de não utilizar as vozes de seus dubladores através de processos de IA ou para o treinamento de IA", completa o comunicado divulgado pela emissora.



Um dos marcos da representação da violência nas telas do país, ‘Lúcio Flávio, O Passageiro da Agonia’, baseado em best-seller que completa 50 anos, faz alarde na Netflix

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

**M**arco brasileiro de bilheteria, “Lúcio Flávio, O Passageiro da Agonia” (1977) chegou à Netflix. Inspirado no romance-reportagem homônimo de José Louzeiro (1932-2017), que completa 50 anos de sua chegada às livrarias em 1975, o longa-metragem de Hector Babenco (1946-2016) foi um dos maiores sucessos comerciais do audiovisual no país de todos os tempos, com 5,4 milhões de ingressos vendidos.

Ano a ano, o Brasil arrisca injetar adrenalina em suas artérias entupidas de sociologia, como se viu no flerte entre o thriller e a denúncia expresso em “Tropa de Elite” I e II (2007-2010) e em “Cidade de Deus”, que agora vira série, via O2. Existem experimentos recentes como “Amado” (2022), “A Divisão” (2019) e “Cano Serrado” (2018).

Mas a perfeição que Babenco alcançou em sua imersão nos feitos do assaltante Lúcio Flávio Vilar Lyrio (1944-1975). Trata-se de um dos mais precisos ensaios



Divulgação

*“Lúcio Flávio” garantiu a Reginaldo Faria o prêmio de Melhor Ator no Festival de Taormina, na Itália, e no Festival de Gramado. É importante que se ressalte a vigorosa atuação de Ana Maria Magalhães como Janice*

# Nos rastros do Esquadrão da Morte



Divulgação

*Na sequência de ‘Lúcio Flávio’, Hector Babenco emendou outros sucessos de crítica e público como ‘Pixote - A lei do Mais Fraco’ e ‘Carandiru’*

acossa o personagem de Faria.

Fotografado por Lauro Escorel, o filme une espetáculo e reflexão em sua observação da realidade policial brasileira com uma destreza técnica inesperada para os padrões do cinema latino-americano de sua época. Raras vezes, até aquela data, uma troca de tiros foi retratada com tamanho rigor plástico de enquadramentos nas telas nacionais.

Em seus minutos iniciais, vemos o achaque dos policiais Bechara (Ivan Cândido) e 132 (Milton Gonçalves, perfeito em cena) a Dondinho (Grande Otelo), amigo de Lúcio, que é tratado como escória, num reflexo dos ranços racistas do país. Essa sequência joga especiarias sociológicas neste cozido amargo, entrando em segregações e exclusões adentro, aprofundando a percepção dos desajustes sociais do país. É menos uma historinha de romantização da marginalidade e mais um ensaio sobre os saldos da ditadura, chocado no ninho da cobra. Babenco foi ameaçado, teve sua casa metralhada, mas nada disso lhe serviu de mordalha. O filme entrou em circuito com o referendo de melhor filme na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. A tensa montagem é de Silvio Rencoldi. A trilha sonora é de John Neschling.

Coroado com o lucro comercial, o longa de Babenco deu frutos. Dele saíram (o seminal) “República dos Assassinos” (1979), de Miguel Faria Jr. – inspirado em Aguinaldo Silva – e “Eu Matei Lúcio Flávio” (também de 1979), de Antônio Calmon. Mais do que gerar rebentos, “Lúcio Flávio” gerou História: a partir dele, a memória do banditismo social brasileiro não se limitou aos cangaceiros do nordestern, ganhando a selva urbana.

Há 21 anos, Babenco lançou “Carandiru”, que vendeu 4,7 milhões de ingressos, seguindo por essa mesma toada. Esse olhar sobre a Casa de Detenção São Paulo também está na Netflix.

da representação cinematográfica da violência nacional, tanto a do crime organizado quanto a da corrupção policial. Aliás, o filme seguinte do cineasta, “Pixote - A Lei do Mais Fraco”, foi ganhador do Leopardo de Prata de Locarno em 1981, também inspirado em Louzeiro.

Pontuado por um realismo seco, “Lúcio Flávio” garantiu a Reginaldo Faria o prêmio de Melhor Ator no Festival de Taormina, na Itália, e no Festival de Gramado. É importante que se ressalte a vigorosa atuação de Ana Maria Magalhães como Janice, a paixão de Lúcio. Já Paulo César Pereiro rouba a cena como Moretti, tira de caráter duvidoso que

Por Affonso Nunes

**O** dia 17 de fevereiro de 1973 foi um dia de dor para a música. Morria Alfredo da Rocha Vianna Filho, o Pixinguinha, considerado não o criador, mas o maior gênio do choro. Foi o instrumentista que deu ao gênero sua forma definitiva e algumas de suas maiores obras-primas. No ano passado o público teve acesso a 44 (!) temas inéditos de autoria do genial instrumentista através de quatro álbuns lançados pela gravadora Deck nas plataformas digitais.

“Pixinguinha como Nunca” é o nome do espetáculo que reúne o exclusivo Sexteto do Nunca, formado por craques da música instrumental como Marcelo Caldi (sanfona), Carlos Malta (flauta e sax), Silvério Pontes (trompete e flugelhorn) Marcos Suzano (percussão), Rafael Mallmith (violão 7 cordas) e Henrique Cazes (cavaquinho e direção musical). O repertório abarca desde choros a valsas, polcas e até tangos argentinos, refletindo a enorme capacidade criativa de Pixinguinha e as influências que recebeu ao longo de sua trajetória musical.

Ator e cantor, Marcelo Vianna, neto do artista, assina a direção geral do espetáculo, que volta ao palco do Teatro Rival Petrobras nesta segunda-feira (10), às 19h30.

Pode parecer estranho que a obra

# Conhece aquela inédita do Pixinguinha?

Sexto formado por craques da música instrumental apresentam temas desconhecidos do gênio do choro



Os músicos do Sexteto do Nunca apresentam temas inéditos encontrados no baú do genial Pixinguinha

Marília Figueiredo/Divulgação

de um nome tão impressionante da música brasileira, que alcançou tamanho respeito tenha ainda trechos de sombra. Henrique Cazes, que mergulha na obra de Pixinguinha há mais de 30 anos, vê algumas pistas.

“Pixinguinha é uma figura mitificada, às vezes adorada em imagem, mas sua produção musical ainda não obteve a circulação que merece e sua

música, quase sempre, foi rotulada como algo do passado, encobrendo sua atualidade. Esse é o objetivo principal do espetáculo: mostrar um Pixinguinha moderno no século XXI”.

Cazes conta que o trabalho para certificar a autenticidade das partituras encontradas nos pertences do músico levou cerca de oito anos e teve o apoio do Instituto Moreira

Salles (IMS). “Havia partituras escritas com a caligrafia de Pixinguinha que não eram dele. Assim como criações dele transcritas por terceiros”, exemplifica o músico, acrescentando que os quatro álbuns tiveram seus repertórios agrupados por características comuns das músicas. Num deles, autores de peso da MPB foram convidados para colocar letras em

melodias com características de canção popular.

## SERVIÇO

PIXINGUINHA COMO NUNCA - MÚSICAS INÉDITAS

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia) 10/6, às 19h30 | Entre R\$ 39,60 (meia) e R\$ 100

## Do choro, do jazz, do samba...

Alfredo da Rocha Vianna Jr. nasceu em 1897 num lar musical. Seu pai, flautista amador, o introduziu no mundo do choro, um gênero nascente que mistura elementos da música africana e europeia. Mal se podia imaginar que ele se tornaria o maior nome do choro, quase que um sinônimo do estilo.

Aos 11 anos, Pixinguinha já compunha sua primeira música, “Lata de Leite”, demonstrando precoce talento. Aos 17, iniciava

carreira profissional tocando flauta na orquestra da casa de chá Palais.

Na década de 1920, o músico consolidou-se como o principal nome do choro. Em 1922, integrou o grupo Oito Batutas que, numa excursão a Paris, tornou-se a primeira experiência de sucesso de músicos brasileiros no exterior. Pixinguinha também viria nessa época a compor clássicos como “Carinhos”, “Lamento” e “Rosa”. Seu virtuosismo na flauta e cavaquinho, aliada à sua ino-



Alfredo da Rocha Vianna, o Pixinguinha

vação musical, o consagraram como um dos maiores instrumentistas e compositores brasi-

leiros de todos os tempos.

Mas Pixinguinha estava além do choro. Também teve papel

fundamental na popularização do samba, compondo sucessos como “Carnaval” e “Vou pro Sereno”. Ao lado de João da Baiana e Donga - compositor de “Pelo Telefone” - é apontado como parte da santíssima trindade do samba. Sua influência se estendeu à nascente Música Popular Brasileira (MPB), inspirando artistas das gerações seguintes.

Ao longo de sua carreira, Pixinguinha experimentou diversos gêneros musicais, incorporando elementos do jazz, da música clássica e da cultura popular brasileira em suas composições. Sua mente criativa e inquieta o impulsionava a buscar novas formas de expressão musical.

Reprodução



# Um mar de novidades com **Leandro Fregonesi**

Cantor e compositor lança o single 'Meu Mar', que antecipa novos projetos para 2024

**S**audado por Beth Carvalho (1946-2019) como um dos melhores artistas da nova geração na MPB, o cantor e compositor Leandro Fregonesi lança neste junho o single "Meu Mar", uma homenagem aos namorados que reafirma a beleza de sua escrita e seu talento como cantor.

Com 20 anos de carreira, três CDs ("No Compasso do Meu Coração", "Festa da Manhã" e "Vai ter Fuzuê" – que saiu também em DVD) e mais de 500 músicas autorais com ricas melodias e letras que emocionam, Fregonesi já teve, além de seus próprios projetos com músicas autorais, suas composições gravadas por artistas importantes do ce-

Fábio Figueiredo/Divulgação



nário da música brasileira.

Beth, por exemplo, gravou dois sambas seus ("Chega" e "Samba Mestiço") no álbum "Nosso Samba Tá na Rua" que ganhou o Prêmio da Música Brasileira como melhor álbum de samba e o Grammy Latino 2012. Maria Bethânia gravou "Povos do Brasil" no CD "Meus Quintais" que também fez parte do show de 50 anos de carreira dela e foi gravada no CD e DVD "Abraçar e Agradecer", e também gravou duas de suas músicas inéditas ("Pertinho de Salvador" e "De Santo Amaro a Xerém") no elogiado show "De Santo Amaro a Xerém" realizado por ela e Zeca Pagodinho e gravado em CD e DVD.

Já Diogo Nogueira registrou "Amor Imperfeito" – no CD que ganhou o Grammy Latino 2010 – e "Tempos Difíceis" e "Mercado Popular" e Roberta Sá mandou bem em "Chega", que está no seu novo trabalho, além de Zezé Motta. Vários outros talentos da mesma geração de Fregonesi como Marina Iris, Nilze Carvalho, Ana Costa, Renata Jambeiro e tantos outros também gravaram suas músicas.

O lançamento de "Meu mar" abre caminhos para os trabalhos que serão lançados por Fregonesi em comemoração aos seus 20 anos de carreira, tais como o clipe da canção com

**Leandro Fregonesi pretende lançar novo álbum e show ainda este ano**

produção, direção e filmagem de Fábio Figueiredo, o novo show "Bê-a-Bá do Brasil" e um novo álbum. "Esse show, será uma espécie de jukebox de músicas populares, também é fruto dessa busca e da minha paixão pela música brasileira, à qual dedico toda a minha vida e é o chão no qual floresce a minha obra", conta Fregonesi.

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

### Lidar com o pós-perda

O artista mineiro Renato Enoch está lançando o single "Lamento do Arremate". Composta em 2022, a faixa reflete sobre os sentimentos que surgem após a perda, seja de um término de relacionamento ou de qualquer outra natureza. Enoch se inspirou em canções que abordam o tema do coração partido, procurando criar algo que, apesar de triste, não fosse desesperançoso. "Entendi que canções assim podem ajudar a elaborar melhor as coisas e fechar um ciclo", comenta o artista.

Divulgação



Nadja Kouchi/Divulgação



### O músico quadrinista

O cantor, compositor e quadrinista paulista Camilo Solano compartilha suas atividades distintas com a mesma importância a agora lança "Quase Todo Mundo é Assim", não apenas como seu novo single, mas também como o título de seu próximo álbum, com produção musical de Yuri Queiroga. A faixa, que chega com o clipe, traz uma reflexão suave sobre a vida e a sobrevivência em um presente repleto de incertezas existenciais e sociais, inspirada por experiências pessoais e o desejo de compartilhar conversas significativas com seus entes queridos.

Jordan Rossi/Divulgação



### Luz após a escuridão

A banda de rock alternativo irlandesa The Script se reinventa em "Both Ways", single que anuncia seu novo álbum. Dançante e frenética, a faixa é diferente de tudo que a banda já fez e estará no álbum "Satellites", com lançamento previsto para 16 de agosto. "É uma música energética, e talvez não seja o que as pessoas esperam de nós. Mas nós somos The Script, e agora temos algo a provar: que há vida e luz após a escuridão", conta o baterista Glen Power, referindo-se à morte membro fundador Mark Sheehan. Completam a banda Danny O'Donoghue (vocalis) e Ben Sargeant (baixo).



# Paulo-Roberto Andel

## Um garoto, uma bola azul

Passei pela Pedro Lessa a caminho de um evento por volta das cinco e meia da tarde. Começo de mês, perto do Dia das Mães - cadê a minha? -, pelo menos a Banca do André estava cheia de gente na happy hour, uma das poucas saudades dos meus tempos de escritório.

As pessoas bebendo em pé, em volta de mesinhas circulares cheias de long necks, rindo e conversando, salvando um pouco a imagem perturbadora que o Centro agora tem, de lugar abandonado e vazio. Do outro lado, o gourmetizado Amarelinho também tem sua turma. A partir daí, desolação. Não, na Santa Luzia tem um churrasquinho onde brota gente - e garotas bonitas paca.

Ainda a Pedro Lessa. Quem diria que ali existiu um império de música por anos, com CDs espetaculares e muita movimentação? As bancas de metal continuam lá, completamente vazias. Aquelas bancas metálicas vendiam sonhos: rock, jazz, bossa nova, sambas da antiga. Tudo passou. Ainda bem que tenho minha lojinha.

Depois da turma bebericando, uns dez metros adiante, havia um garotinho, provavelmente filho de alguém ali. Dez anos de idade. Baixinho, magriço, vestindo uma camisa 9 amarela em algodão, bem longe das marcas oficiais. Será que era uma camisa da Seleção? Não sei. Um garotinho de menos de um metro e meio, de bermuda e chinelos, com sua bola de futebol azul escura. Ele e mais ninguém. Dava uns passinhos, chutava a bola num muro da rua, ele voltava e repetia, depois tabelava. Tudo sozinho, ele e mais ninguém.

Eu me identifico porque apesar de já ter 56 anos de idade, nunca deixei de ser um garoto de dez no melhor que isso pode oferecer. Futebol, lanche, descanso e tudo,

coisas que a gente vivencia quando criança da melhor maneira possível, e que carrega para sempre. Eu tinha dez anos em 1978 e o futebol me deixava louco: queria jogar na praia, na vila perto de casa, queria ouvir futebol na Rádio Globo, juntar figurinhas, jogar botão e esperava ansiosamente pela revista Placar toda semana - ela trazia escudinhos que você podia recortar para ornamentar seus botões.

O menino e sua bola azul. Ele toca para o fundo de um gol imaginário, faz da Pedro Lessa um Maracanã que ninguém vê. Comemora sozinho, não há torcida nem abraços, sou o único e silencioso espectador. Mesmo sozinho, ele se diverte. Um garoto com sua bola de futebol pode ser o mais feliz do mundo. É o que ele faz ali e me comove - é que eu também era daquele jeito dele quando eu tinha futuro.

Sigo a caminho do evento. Estou prestes a atravessar a rua México. Olho para trás novamente e, enquanto a Banca do André dita a festa do pedaço, o futebol continua vencendo. É o menino solitário em seu mundo particular, tabelando e jogando. Sozinho, ele tem o Maracanã e o Morumbi. Não importa quem não está, mas sim o que virá. Continuo voltando 45 anos no tempo, quando eu sonhava em ter uma bola adidas Tangoe e ter alguém para jogar dupla de praia domingo. É por isso que entendo a nobreza daquele jovem magriço, porque mesmo com 70 quilos a mais, o futebol tem sido meu remédio, oxigênio do dia a dia, alívio contra as piores causas.

Sigo para o evento. O garotinho, meu amigo desconhecido, insiste nas tabelas com o muro. Joga por ele e por mim, sem saber. O futebol insiste, e isso enche meu coração de esperança.



Fechado após embroglio judicial, o espaço do Canecão ficou completamente abandonado

## Vem aí o Canecão 2.0!

Fechado há 14 anos, casa de shows entra em obras para reabertura

Por Yuri Eiras (Folhapress)

**C**omeçam este mês as obras para a reinauguração do Canecão, que foi por anos a principal casa de shows do Rio e está fechada desde 2010. O local, que durante cinco décadas recebeu apresentações nacionais e internacionais, tem previsão de reabertura em 2026.

A obra prevê demolição total da estrutura que sobrou do Canecão e está estimada em R\$ 170 milhões. O início da reforma é o desenlace de uma disputa judicial que terminou com o encerramento das atividades.

A disputa era entre a antiga administração do Canecão, e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), dona do terreno localizado em Botafogo. Em 1992, a UFRJ cedeu à administração do Canecão o uso do imóvel por cinco anos. A universidade tentou retomar o bem em 1997, mas não conseguiu e brigou durante 13 anos na Justiça. Em 2010, a Justiça decidiu que a universidade deveria assumir o terreno e o Canecão fechou. Tentativas frustradas de reabertura ocorreram na última década.

Em fevereiro de 2023, o consórcio formado pelas empresas Bônus Track, responsável por trazer o show da Madonna para o Rio, e Klefer venceram a WTorre na licitação que deu direito à administração do Canecão por 30 anos. O projeto do novo Canecão prevê a abertura de um bosque de 5 mil m<sup>2</sup>, área de livre circulação para frequentadores e moradores, antes e após os espetáculos. Estudantes da UFRJ e trabalhadores da região também poderão usufruir. “Não será um espaço que abre às 19h e fecha às 23h. Ele será vivo e tem que funcionar de segunda-feira a domingo”, afirma André Torós, CEO da Bônus Klefer.

O Canecão foi a principal casa de shows da cidade, com apresentações marcantes como a de Maysa, em 1974, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Toquinho e Miúcha, em 1977. Elymar Santos, que em 1985 pagou do próprio bolso a locação da casa, se tornou um dos artistas que mais se apresentou naquele palco, ao lado de Roberto Carlos e Maria Bethânia.

Elymar era um cantor da noite e tinha o sonho de se apresentar no palco do Canecão, então reservado aos mais badalados artistas. Ele pa-

gou um aluguel para uma série de apresentações e ofereceu, de mão em mão, os ingressos para os shows. “Quando se fala em Canecão, tem que falar de Elymar. E quando se fala de Elymar, tem que falar de Canecão. Antes de estourar como música, estourei como história”, afirma.

A nova encarnação do Canecão não será como casa de shows, mas um espaço multiuso. A nova construção, de cinco pavimentos, terá salas de exposição, restaurantes e uma grande sala para shows, concertos e peças, com capacidade para até 6 mil pessoas. “A história do Canecão é riquíssima, uma casa emblemática. Poderíamos adquirir um outro terreno menos desafiador, mais barato. Mas não teria esse peso”, afirma Torós.

O edital prevê contrapartidas à UFRJ. No campus da Praia Vermelha o consórcio é obrigado a construir um centro acadêmico com 80 salas de aula e um refeitório com capacidade para até 2,5 mil pessoas. A universidade também terá datas para uso do Canecão.

Também está no projeto a recuperação do painel de Ziraldo, hoje em ruínas. A obra, conhecida como “Última Ceia”, tem seis metros de altura por 32 metros de largura, e foi feito no salão do Canecão quando este ainda era uma cervejaria. São animais, pessoas e personagens do próprio Ziraldo bebendo chope. O mural, segundo Torós, “é a única parede que vai ficar de pé”. O plano é restaurá-lo com ajuda da equipe da faculdade de Belas Artes da UFRJ e convidados.



## CRÍTICA / RESTAURANTE / ARP BAR

# Do céu, da terra e do mar

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

**C**azuza já disse “Vago na lua deserta das pedras do Arpoador”. No volta das pedras, há um encontro perfeito com o Arp Bar do Hotel Arpoador e o novo cardápio de Lucas Lemos. Se Paris vale uma missa, o Arp vale, no mínimo, uma ida para os coquetéis que são de se subir aos céus. Escolhemos dois: o Amassa, releitura do mate com limão praiano, mix de cachaça com mate de ervas brasileiras, suco de limão, cynar 70 e rapadura



Divulgação

**No Arp Bar, os pratos são criativos com ingredientes casados à perfeição**

e o saboroso Akay, que significa cajá em tupi-guarani, com Jambuzada, cajá com cúrcuma, suco de limão, açúcar e hortelã.

Como o chef define, o importante é comida conforto: saborosa, com recriações do que se chama de trivial. A mesa em que sentamos, ficamos com os irmãos Gorin (Daniel

e Marcelo) que renovaram o hotel de forma incrível, um clima de bacana cariquire para comemorar os 50 anos. Os pratos são criativos, os ingredientes foram feitos uns para os outros.

O Bolovo de Camarão, interpretação do chef, lá é feito com ovo mollet envolto (gema

mole e clara dura) em massa de camarão, maionese de maracujá e pimenta coreana. Aí se pensa: como o Lucas consegue fritar e não cozinhar a gema. Coisa de craque. Tacos Caseiros de Milho Branco com recheio de porco marinado com abacaxi e trio de Arepas, panquecas de milho com pasta de castanha de caju, conserva de legumes e rúcula são ótimos para beliscos.

Os principais são de todos os lugares. O Cavatelli Mar & Montanha (massa preparada na casa, pancetta, tomatinhos, ervas e cauda de lagosta na manteiga noisette); Pesca do Dia (com purê de abóbora cabotiá, cogumelos paris, espinafre, molho beurre); o clássico carioca Galeto, no sous vide com seu próprio molho e acompanhado de batatinhas douradas temperadas com sal de sálvia e o Arroz Caldoso de Cordeiro, puro sabor do norte da África.

## SERVIÇO

### ARP BAR

Rua Francisco Otaviano, 177 - Ipanema  
Café da manhã diariamente de 7h às 11h30 | almoço e jantar, de seg a qui (12h às 23h), sex e sáb (12h30 à 0h) e dom (12h30 às 22h)

## NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

### O amor está no ar II

O Otra Bar, em Copacabana, preparou um menu especial com uma garrafa de vinho. Para começar escolha entre: a dupla de ostras ou mini batata rostie. Como prato principal, fondue de queijo acompanhado de lula grelhada, camarão grelhado, polvo, tomate cereja, cogumelo e pão ciabatta. E para finalizar, fondue chocolate que traz como acompanhamento manga, morango, uva, banana e marshmallow. Os casais serão recebidos com um welcome drink e a noite será embalada pela banda Sina Jazz.

Gabi Lins/Divulgação



### O amor está no ar

O chef Williams Souza criou o Combinado Sua-wase Felicidade - Sashimi (4 salmão, 4 atum, 4 peixe branco e 4 haddock); Sushi (2 salmão, 2 atum, 2 peixe branco e 2 camarão), Roll (2 especial Peixoto, 4 uramaki Philadelphia e 2 temaki). O Combinado Hiyabi Refinamento é servido com Sashimi (4 vieira, 4 atum, 4 peixe branco e 4 barriga de salmão); Sushi (2 barrigas de salmão, 2 atum e 2 vieira), Joy (2 codorna), Roll (4 uramaki Philadelphia especial e 4 ebitem especial). Com Omakase Koibito, iguarias escolhidas pelo chef, ganha uma garrafa de saquê.

Divulgação



Divulgação



### O amor está no ar III

João Zuddio, chef da Churrasqueira Rio, preparou três menus exclusivos e especiais, para curtir com a pessoa amada. O 1º Menu oferece: queijo coalho com melado de cana; Baby Beef Angus, acompanha arroz à piemontese e batata chips e pudim de leite Ninho; o 2º Menu inclui palmito de pupunha com manteiga de ervas, filé mignon Angus com fettuccine na fonduta de parmesão e sorvete de queijo com goiabada cremosa. O 3º apresenta Croquete de Costela; Chorizo Angus, acompanha arroz à dodó e polenta frita e Profiteroles. R\$ 239,90 para duas pessoas.



# Cupido em quadrinhos

Uma safra de gibis para servir de presente para o Dia dos Namorados

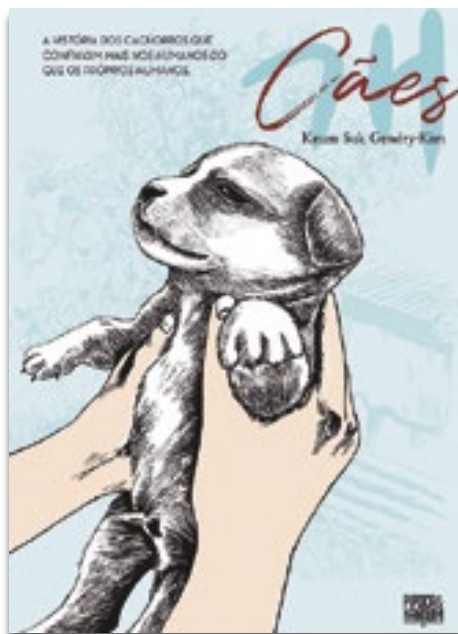
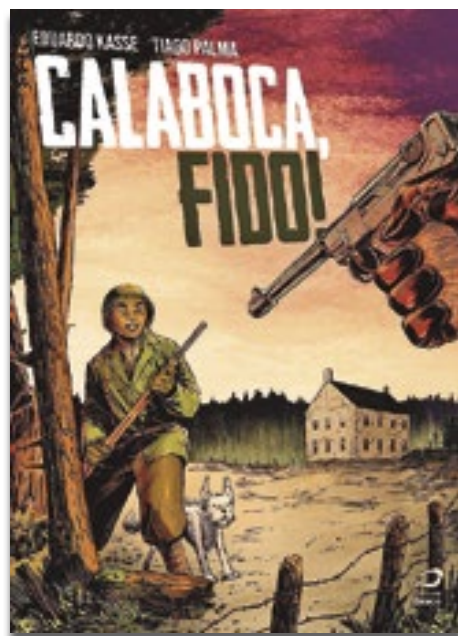
Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

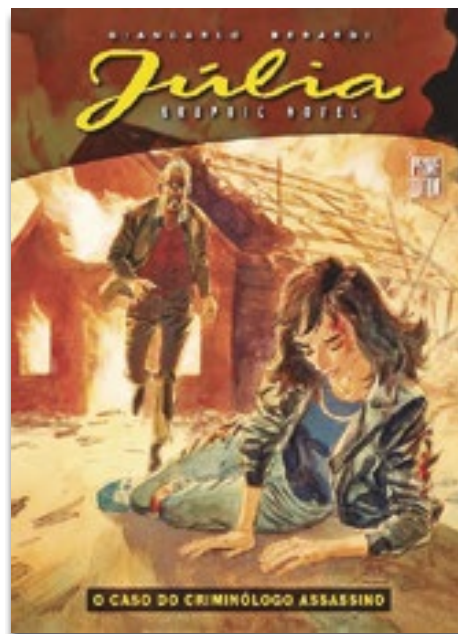
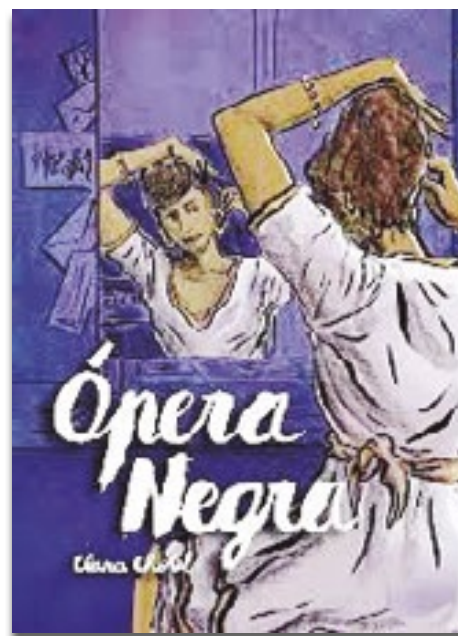
**S**e a pessoas com quem você namora é nerd, vai aqui uma lista de potenciais presentes para o 12 de Junho. Não histórias de amor, embora algumas falem de paixão, mas pra quem curte a cultura dos gibis, a seleção a seguir é de fazer miocárdios dispararem.

**SUPERGIRL: A MULHER DO AMANHÃ (ED. PANINI):** Graças à arte exuberante da desenhista Bilquis Evely, esta minissérie compilada aqui num só volume fez sucesso de venda nos EUA e concorreu ao Prêmio Eisner, o Oscar das HQs. Sua protagonista, Kara Zor-El, passou por muitas aventuras épicas ao longo dos anos, mas hoje acredita estar sem propósito. Para onde vá, as pessoas só a veem como prima do Superman. Até que tudo muda, quando uma garota alienígena a procura para uma missão de vingança contra os vilões que exterminaram seu planeta. Agora, uma kryptoniana, um cachorro e uma criança com o coração partido partem para o espaço em uma jornada que mudará suas vidas para sempre. O roteiro é do aclamado Tom King.

**SESENTA PRIMAVERAS NO INVERNO (ED. NEMO):** Um dos mais belos tratados sobre recomeço já narrados pelas HQs, esta joia combina as manhas de roteiro da escritora francesa Ingrid Chabbert com ilustrações da aclamada quadrinista holandesa Aimée de Jongh. A trama se passa no dia em que, Josy, sua protagonista, completa 60 anos e se recusa a assoprar as velas do bolo de aniversário. Ela já está de malas prontas. Havia tomado uma decisão: iria deixar o marido e a casa para recuperar a sua liberdade, ganhando a estrada com uma velha kombi. Sua família, inicialmente chocada, não deixará de culpá-la por essa escolha, que todos consideram egoísta. No caminho, ela se reinventa, inclusive afetivamente.



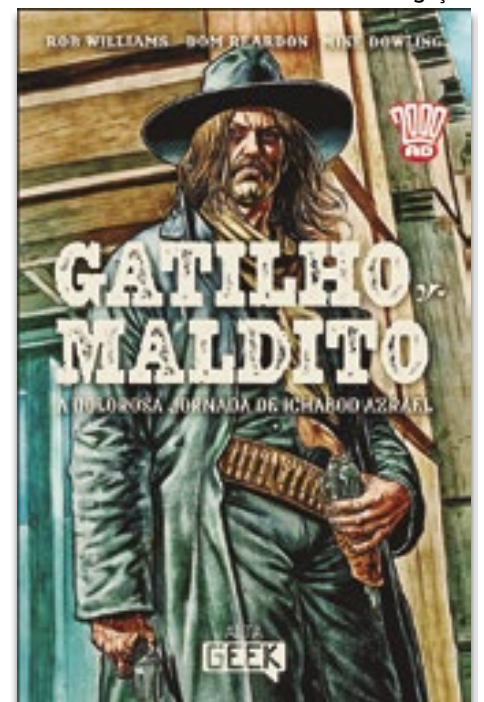
**CALABOCA, FIDO! (ED. DRACO):** O artista gráfico brasileiro Tiago Palma usa seu desenho ultrarrealista em função da História a fim de reviver um dos cercos à Força Expedicionária Brasileira (FEB) em campos de batalha – e em ruínas – da Itália onde o jovem soldado Chico tem de encarar o racismo, a fome e a violência do Eixo. Um cachorrinho será o único amigo dele numa espera por re-



denção, sempre de fuzil em punho.

**JÚLIA: GRAPHIC NOVEL (ED. MYTHOS):** Joia dos fumetti (HQ à italiana) com foco nas aventuras da criminóloga Júlia Kendall. O roteiro é de Giancarlo Berardi e de Maurizio Mantero e as ilustrações são assinadas por Antonio Marinetti. A trama se chama “O Caso do Criminólogo Assassino”.

Divulgação



Nela, o professor Cross leva a aspirante a investigadora Júlia a um congresso de peritos em crime. Lá, ela vai se tornar a única pessoa capaz de revelar o culpado de um crime quase perfeito.

**ÓPERA NEGRA (ED. VENETA):** A artista gráfica franco-brasileira Clara Chotil nos leva ao universo lírico e canoro de Maria D'Apparecida (1926-2017). Filha de doméstica, órfã aos oito anos, trabalhou como professora e fez sucesso como locutora de rádio. Estudou canto lírico, mas foi barrada no Theatro Municipal por ser negra. Então, foi para a França, onde fez uma carreira brilhante e se tornou cantora do Opera de Paris.

**CÃES (ED. PIPOCA & NANQUIM):** No empenho de popularizar entre os brasileiros a obra da sul-coreana Keum Suk Gendry-Kim, hoje traduzida em 12 países, uma das editoras mais ousadas do mercado de HQs traz essa ode dela à relação de humanos e pets. É um relato emocionante e honesto sobre como a convivência com cachorros, no amor incondicional que eles sentem por seus donos, modifica o coração de seres desumanizados, auxiliando-os a tornarem-se pessoas mais sensíveis.

**GATILHO MALDITO – A DOLOROSA JORNADA DE ICHABOD AZRAEL (ED. ALTA GEEK):** Western sombrio importado do selo inglês 2000 AD. Rob Williams assina o roteiro e Dom Reardon cede seu traço a uma cruzada de vingança sinistra. Na trama, um pistoleiro sanguinário é morto à traição e, ao chegar o Limbo, tenta regressar ao mundo dos vivos para reativar sua cruzada justiceira.